Aprendendo e fazendo com o Mestre Juarez Farias - Um dinâmico pensador tecnológico

Cidoval Moraes de Sousa
Andreza Dantas Albuquerque

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SOUSA, C. M., and ALBUQUERQUE, A. D. Juarez Farias - Um dinâmico pensador tecnológico. Interviewed: Juarez Farias. In: SOUSA, C. M., THEIS, I. M., and BARBOSA, J. L. A., eds. *Celso Furtado: a esperança militante* (Depoimentos): vol. 2 [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2020, pp. 39-69. Projeto editorial 100 anos de Celso Furtado collection. ISBN: 978-65-86221-11-4. <https://doi.org/10.7476/9786586221671.0003>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Juarez Farias

Foto: Banco de dados e imagens do Projeto 100 anos de Celso Furtado

“

Eu acho que Celso era um dinâmico pensador tecnológico, como deve ser todo pensador. Hoje, a coisa mais perigosa é o conservadorismo. Não que o conservadorismo não seja uma forma pacificadora, mas é que mal ele se senta numa cadeira, já estão dando uma cama para ele dormir.

”

Um dinâmico pensador tecnológico

Cidival Moraes de Sousa¹

Andreza Dantas Albuquerque²

Ele morava no Rio de Janeiro, trabalhava como funcionário concursado no BNB (Banco do Nordeste do Brasil) e fazia o curso de Técnico em Desenvolvimento Econômico da Cepal/BNDE. Era 1958. Antonio Juarez Farias³, ou Juarez Farias como faz questão de ser chamado, nascido na cidade mais seca do País (Cabaceiras, PB), foi surpreendido, por aqueles dias, com uma decisão: a coordenação o escolhera para representar a turma e fazer uma exposição detalhada sobre o curso para Celso Furtado, que o havia criado e que faria, em breve, uma visita de acompanhamento. Ainda tentou questionar, mas não teve êxito. Era uma ordem. Enfrentou o desafio. Furtado ouviu atento, fez perguntas e anotações. Ao final, pediu uma conversa reservada com Farias. Depois de indagar sobre origem e ocupação, foi direto ao ponto: assumiria, nas semanas seguintes, uma diretoria no BNDE para tratar de questões do Nordeste e queria saber se Farias não estaria disposto a acompanhá-lo. Depende, foi a resposta que ouviu. Depende do que é para ser feito.

---

1 Jornalista, Doutor em Geociências pela Unicamp, professor e pesquisador da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), vinculado aos Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Ensino de Ciências e Educação Matemática. Colabora com o PPGCTS da UFSCar.

2 Jornalista, Doutora em Ciência, Tecnologia e Sociedade pela UFSCar, pesquisadora vinculada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Estadual da Paraíba na condição de estágio pós-doutorado.

3 Economista e Advogado, com especializações realizadas na CEPAL e Banco do Nordeste (BNB/ONU). Foi Diretor de Atividades Econômicas Básicas e de Industrialização da Sudene (1960 - 1964); e Professor na Faculdade de Economia da Universidade Católica de Pernambuco (1965-1967). Dirigiu os bancos BNH e BNB na década de 1970 e a Eletrobrás na década de 1990. Na Paraíba, foi vice-governador no governo de João Agripino (1970), Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado da Paraíba (1991 - 2003) e presidente da Academia Paraibana de Letras (2006).

Mudar tudo, teria dito Furtado. E foram essas as palavras mágicas que fizeram o jovem cabaceirense arrumar as malas e seguir o conterrâneo (Celso Furtado era de Pombal, PB), colocando em risco o próprio casamento.

A partir daquele momento Juarez Farias viveria, ao lado de Furtado, todas as venturas e desventuras do processo de criação da Sudene e seu funcionamento até o golpe militar de 1964. Participaria, intensamente, da construção do GTDN (há quem garanta que ele entregou “quase pronto” ao chefe), contribuiria para montar a primeira equipe de técnicos e colaboradores, assumiria diretorias (a de industrialização, por exemplo) e coordenaria as ações de enfrentamento da primeira seca no Nordeste (1962), após a criação da Sudene. Foi um grande teste de fogo, lembra ele, considerando a leitura que o mestre fazia daquele fenômeno. Furtado questionava as visões correntes de que o problema econômico e social do Nordeste decorria das secas e recusava a solução hidráulica (construção de açudes levada a cabo pelo DNOCS) que, no seu entendimento, só beneficiava os proprietários de terra. A pobreza, sobretudo no Nordeste, na sua compreensão, era consequência da má distribuição da riqueza. Enfrentá-la, portanto, era combater os privilégios que faziam com que a concentração de renda fosse uma condição estrutural do padrão de acumulação das elites. O certo é que a Sudene, com essa tese, se, por um lado, desempoderava o DNOCS, responsável pela implementação do modelo hidráulico, já apropriado pelas elites rurais, por outro, ampliava os focos de resistência política às mudanças que defendia.

A experiência de Juarez Farias com Celso Furtado é relatada, de forma intensa e bem humorada, na entrevista que realizamos com ele no começo de março de 2020, em seu escritório de trabalho, em João Pessoa (PB). Com 83 anos e uma memória que impressiona os mais jovens, Farias recuperou fatos e diálogos, com uma narrativa rica em detalhes. Em vários momentos nos fez sentir as emoções de quem viveu a história contada, imaginando, inclusive, gestos e reações dos atores envolvidos. É comovente, por exemplo, a história da contratação de Francisco de Oliveira, na época, recém casado e “começando a vida” como operário da Lambreta, em São Paulo. Oliveira viria a ser o superintendente substituto de Furtado - e não tinha sequer uma roupa adequada para tomar posse. De sua memória emerge um Furtado humano, “um cidadão de primeira qualidade moral, intelectual e cívica”, disciplinado com os estudos. E capaz de escrever, em pleno carnaval do Recife, parte de um

capítulo para o livro *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*, analisando o modelo de Marx. Capítulo, aliás, que rendeu um bom debate entre Furtado e Mário Magalhães, com provocações de Farias e Chico de Oliveira, contado aqui nos mínimos detalhes.

Quando perguntado sobre o que Furtado representou em sua vida, respondeu emocionado: “Foi uma graça que eu recebi. Trabalhar com Celso foi uma honra. Foi uma escola de graça que eu tive. Mesmo quando discordávamos, eu achava que Celso estava querendo me ajudar”. Farias deixou a Sudene logo depois da cassação dos direitos políticos de Celso Furtado, pela ditadura, contrariando até um pedido de Dom Helder Câmara para que permanecesse na instituição. Depois disso, foi diretor de vários bancos (BNB, BNDES, BNH), secretário de estado em vários governos em sua terra natal e conselheiro do Tribunal de Contas. Como vice-governador, chegou a assumir, por algumas vezes, o governo da Paraíba na década de 1970. Hoje, além de manter-se na ativa como advogado e economista, é membro da Academia Paraibana de Letras.

Entrevista

– Quando o senhor conheceu Celso Furtado e em que circunstância foi?

Parece até um paradoxo a maneira como eu conheci Celso. Mas em 1959 Celso parou no Rio de Janeiro a pedido de Juscelino Kubsitchek, de um emissário de Juscelino, o ministro Roberto Campos e do embaixador [José] Sette Câmara [Filho]. Celso foi chamado para ter uma conversa com o presidente Juscelino a respeito do tratamento dado ao Nordeste no Plano de Metas, e na questão do combate às secas. Estávamos saindo da famosa Seca de 1958, onde uma série de escândalos foi levantada e deu lugar a muito debate. Bem, Celso foi ao Catete e em seguida visitou o curso da CEPAL que eu estava fazendo como funcionário do BNDE, e lá o diretor, naquela época, um economista cubano⁴, explicou a todos nós por quê Celso estava ali. Tinha criado o curso da CEPAL, e esse curso tinha evoluído muito, e Celso,

---

4 Na realidade, o coordenador do curso, segundo documentos da época, era o economista chileno Jorge Ahumada, diretor de Programas da Cepal entre 1950-60 e que ministrava a disciplina Programação Geral, conforme depoimento do sociólogo Francisco de Oliveira nesta coletânea.

sempre que podia, examinava a evolução. E para que ele sentisse o momento, nós iríamos fazer uma exposição da metodologia de programação da CEPAL, para que Celso depois avaliasse. E ele (o diretor do curso) disse: “Voce fala, Juarez”. “Por que eu, professor?”. E ele respondeu: “Porque eu estou mandando” (*risos*). Era delicado ele (*risos*). Então, eu fiz a exposição, o Celso fez uma série de perguntas e, depois de tudo, se levantou e veio falar comigo: “Você de onde é? Trabalha onde?”. “Trabalho aqui no Rio de Janeiro”. Ele insistiu: “Onde?” E eu: “No BNDE”. Aí ele disse: “Eu serei diretor do BNDE a partir de quarta-feira. Foi o lugar que Juscelino arranhou para que eu fizesse um trabalho sobre o Nordeste. Você voltaria para o Nordeste?” Aí eu disse: “Depende. Pra fazer o quê?”. E ele: “Para mudar tudo”. Então eu falei: “Para mudar tudo, eu topo voltar”. “Mas eu não posso te pagar o que o banco paga”. Aí eu respondi: “Eu acho que essa discussão é boba, porque nem o senhor sabe quanto pode me pagar, nem sabe quanto eu ganho”. “É verdade, mas eu quero fazer uma equipe que se distinga não pelo salário que tem, mas pelos objetivos que vai alcançar”, foi o que ele retrucou.

– **Aí o senhor aceitou o convite...**

Eu aceitei na hora! Depois, isso me deu um problema doméstico porque eu vim ser diretor da Sudene ganhando 2/3 do que eu ganhava no BNDE. E eu nunca estudei de dia. Sempre trabalhei de dia e estudei à noite. Aí deixar um emprego como como era o BNDE, voltar para a Sudene e ganhando menos ... as esposas às vezes não compreendem esse momento (*risos*). Mas a minha era muito solidária.

– **O senhor falou há pouco que Celso era “seguro”. O que quis dizer com isso?**

Celso era tão seguro que uma vez nós estávamos em Nova Iorque e ele disse que queria comprar uma máquina fotográfica. Aí ele me perguntou: “Você vai comigo?” Eu disse: “Vou”. Lá na loja ele disse: “Eu quero essa daqui”. Na época o dólar valia muito e ele disse: “Essa máquina custa \$125”. E eu disse: “Não é tão cara, mas tem dessa mesma máquina mais barata”. E ele disse: “Lá vem você com a mania nordestina de querer negociar tudo”. “É que tem mais barato”, eu disse de novo. E ele perguntou: “Onde é que você viu isso?”. “Na rua 43, na casa do português”, repondi. “Pois vamos lá”. Fomos e eu o apresentei ao Português. Ele com o passaporte azul, o português vendeu a

máquina por \$ 75. Celso ficou feliz da vida, e me perguntou: “Por que você não compra uma máquina?” Eu respondi: “Porque eu estou no fim de viagem e meu dinheiro está acabando. Não dá para comprar mais nada, não”. Ai então ele se ofereceu: “Ah, mas eu te empresto”. Comprei uma máquina igual à dele. Quando chegamos em Recife, eu sabia que ele não iria dispensar nada. Juntei todos os trocados e paguei \$ 74.65. E eu mesmo disse: “Está faltando \$0,35”. Eu tinha feito a compra de \$75 para ele, mas ele me disse: “Depois você me paga” (*risos*). Ele era assim.

Outra vez ele era ministro e estavam fazendo o Plano Trienal de governo, em 1962. Primeiro, ele me tirou a chance de ter um carro. Na época, o diretor executivo da CEPAL me telegrafou (não tinha celular nem telefone fácil naquela época) e me convidou para dar um curso na Venezuela, sobre incentivos fiscais. Eu estava pronto para ir, pois tiraria umas férias da Sudene e ganharia uns viáticos, pois eles não pagavam diárias. Pagavam as aulas e, com isso, eu teria a chance de comprar um carro. Telegrafei para Celso, que estava no Rio. Aí Celso, ‘democraticamente’ determinou: “avisa lá que você não pode ir agora. Peça para adiar o curso. Embarque imediatamente para o Rio”. Cheguei lá (no Rio) e ele queria que eu coordenasse os papéis e a elaboração do Plano Trienal. A única edição do Plano Trienal (1962) foi inteiramente coordenada por mim. Bem, lá se foi a chance de eu ter um carro.

Eu peguei uma época que era dura. Fiquei morando no hotel Serrador. Eu saía as sete horas da manhã e chegava às 11 da noite. Não vinha almoçar, nem jantar. Fazia uma refeição quando chegava à noite. Aí ele (Celso) chegou uma vez na minha sala e disse: “É verdade que você não está almoçando? Está trabalhando de manhã à noite aqui?” E eu disse: “É”. Aí ele perguntou: “Por que você está fazendo isso?” Eu respondi: “Não tem prazo? Tem que cumprir”. Aí ele disse: “Então amanhã você não vai trabalhar na hora do almoço, vai almoçar comigo”. Na época, ele era ministro e tinha uma multidão de jornalistas atrás dele - ele era o ministro mais famoso do Brasil naquela época. Aí ele passou na minha sala e nós saímos para almoçar e, é claro, os jornalistas acompanharam. E fomos para um pequeno restaurante, o Dom Rodrigues, que tem ali na Rua da Assembleia e a Sete de Setembro. Almoçamos. Daqui a pouco o dono do restaurante veio pedir a ele: “Ministro, os jornalistas invadiram o restaurante e eu não estou vendendo nada. Eu preciso pagar os empregados. O

senhor pode pedir aos jornalistas para se retirarem e ficarem na calçada? Eles ficam ali nas mesas para olharem para o senhor e aí não dá”. Aí Celso foi lá, falou com os jornalistas, e saiu. Chegou a hora da conta, né? Eu tinha sido convidado, né? Ele era ministro e ganhava três vezes mais do que eu e eu achei que seria de graça... Mas Celso fez a conta lá e disse: “Eu não comi figo com creme”. E dividiu a nota por dois. Aí eu paguei a minha metade e mais o figo com creme. (risos) Esse era Celso, em matéria de economia pessoal.

– **Voltando a 1959, qual foi a sua participação no GTDN?**

Como eu conheci o GTDN? Eu era do Conselho de Desenvolvimento e o GTDN foi criado lá dentro, nas instâncias de Cleantho de Paiva Leite e Rômulo Almeida, que levaram Aluísio Campos para coordená-lo. E quando eu cheguei ao BNDE, Aloísio me convidou para o GTDN. Nessa época, o GTDN era chefiado por Odair Carvalho. Era um processo de planejamento semelhante ao do Banco do Nordeste. Quer dizer, um projeto de alta validade técnica, mas não com a velocidade que aquela época exigia. Como eu disse, o Banco do Nordeste estava administrando qualquer coisa de recursos e, naquele prazo, o Nordeste não chegaria lá nunca. Foi a destreza política de Juscelino que acelerou a coisa com Celso. O GTDN reuniu os dados básicos, informações que deram lugar ao que eu considero o maior documento do Brasil, que foi “Uma Política para o Desenvolvimento do Nordeste”. E Celso escreveu aquilo em 40 dias, talvez menos.

– **O senhor entregou já sistematizado o levantamento que vocês fizeram para o BNB, ou só entregou dados brutos?**

Eu peguei os dados, e Celso, que não escrevia à máquina, redigiu tudo à mão e à lápis. Era uma capacidade de trabalho fabulosa. Ele pegou os dados, analisou e saiu o documento. Ele sempre fez isso. Eu lembro de um carnaval, para dar um exemplo. Celso tinha a mania de aproveitar os feriados para viajar pelo Nordeste. E normalmente um de nós ia com ele. Uma vez ele disse “O Carnaval vem aí. Vamos para o Seridó?”, e eu disse “Vamos”. Aí ele mandou me chamar e disse: “Eu não vou para o Seridó, não. Eu preciso de um dia de carnaval para escrever um capítulo do meu livro *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*”. Aí eu perguntei: “Vai para onde?” “Vou para a Zona da Mata”. Aí eu falei: “Eu não aguento mais a Zona da Mata”. Ele foi e passamos o carnaval sem nos ver. Chico Oliveira me disse na Quarta-feira de Cinzas:

“Rapaz, eu passei a Terça-Feira de carnaval no Pina”. Celso morava no Pina, num apartamento térreo, onde aluguel era mais barato, mas não tinha guarda, não tinha segurança, não tinha nada. Chico então continuou: “e eram os blocos passando, as La ursos parando na janela e Celso escrevendo, tranquilamente”

À tarde [da quarta-feira de Cinzas] Celso mandou chamar a mim, a Chico e a Vasconcelos: “Olha, eu queria que vocês lessem esse capítulo que eu escrevi no carnaval”. Nos

deu, escrito à mão, mandou tirar uma cópia (Thermofax – naquela época não havia Xerox), e nos deu o capítulo *O Modelo de Marx*. “Vocês podem ler e fazer umas críticas”. A gente sempre fazia isso, e ele gostava muito. Não aceitava muito as críticas, mas gostava. Ele era desse tipo. Quanto ao GTDN ele me contou que tinha aproveitado tudo [dos dados e informações repassadas]. E com a capacidade que ele tinha, de análise, transformou todo aquele mundo de dados em dados essenciais que definiram, não só o problema, como a forma de tratar o problema. Ele era assim. Celso era uma das pessoas que mais me entusiasma. Porque ele era assim, um talento excepcional.

“

Eu passei quatro anos como diretor. Fui o primeiro diretor da Sudene. Houve uma época que eu fiquei administrando Transporte, Energia e Indústria. Eu fiz as equipes de Transporte, Energia e Indústria. Celso jamais me pediu qualquer coisa, para qualquer pessoa. Jamais insinuou qualquer coisa que não fosse trabalho.

”

– **Se o senhor tivesse que definir o homem Celso Furtado, o que o senhor diria?**

Eu diria que era um cidadão de primeira qualidade moral e intelectual e cívica. Eu passei quatro anos como diretor. Fui o primeiro diretor da Sudene. Houve uma época que eu fiquei administrando Transporte, Energia e Indústria. Eu fiz as equipes de Transporte, Energia e Indústria. Celso jamais me pediu qualquer coisa, para qualquer pessoa. Jamais insinuou qualquer coisa que não fosse trabalho. Quando nós tivemos a primeira seca da Sudene, em 1962, ele era Ministro do Planejamento. A Sudene foi desafiada. Ele reuniu os diretores e disse: “Olha, já vem a seca e nós vamos ter que enfrentar isso para ganhar. E você, Juarez, vai coordenar esse trabalho”. E eu disse: “Por que eu vou coordenar?” Nesta época já tinha dividido Transporte para um departamento, Energia para outro e Indústria, para outro. Eu disse: “eu sou diretor de Indústria, não sou diretor

de seca, não”. Ele disse: “Você vai”. E eu falei: “Tá bom”. A coisa foi te tal maneira que eu tive que montar um apartamento dentro da Sudene para coordenar a seca de 1962. Chegamos a ter mais de 160 mil pessoas nas frentes de serviços. Eu montei a equipe e ele nunca me pediu para alterar nada, nem queria saber como era. Eu chagava para ele e dizia: “Vou fazer isso, isso e isso”, e ele dizia: “Está certo”. O entendimento com a aeronáutica quem fazia era eu. A aeronáutica nos ajudou muito, o transporte naquela época era muito difícil. Nós não tínhamos a rede de estradas que a Sudene ajudou a fazer, né? Eu fiquei esse tempo todo morando fora de casa. Minha família em Recife, meus filhos pequenos, e eu morando no prédio da Sudene, numa estação de rádio, que fazia muito barulho. E comandando! Eu tinha 35 engenheiros, 35 agrônomos e 35 Rural Wyllis – o carro que nos levava ao interior para receber reclamação de todo mundo.

– **Como eram as frentes de trabalho daquele tempo?**

Eu pagava 70% do salário em alimentos a preços lá embaixo - os EUA tinham dado esses alimentos - e pagava 30% em dinheiro rigorosamente em dia. E nisso o Governo Federal nos apoiou com presteza e correção, e passamos por esse episódio todo. A diferença maior é que a gente sabia que as famosas frentes de trabalho das secas do Nordeste não passavam de uma forma de alimentar um pouco a população faminta, os flagelados da seca. Não se fazia nada de maior profundidade, nem era possível. Você recrutava uma pessoa morrendo de fome, botava numa frente de trabalho e ela fazia o quê? Ela não sabia nada. A gente não dispunha de tantos engenheiros, como era necessário, nem tinha instrumento de trabalho. Então a diferença essencial que eu considero foi essa: termos regulado, de alguma forma, a disponibilidade de alimentos para que os flagelados recebessem dinheiro em espécie e não fossem concorrer na mesma oferta de alimentos dos outros, que eram flagelados, mas não tinham empregos na frente de trabalho. Iam passar fome e iam passar mais necessidade, ainda. Isso eu acho que nós vencemos em grande parte. Foi, talvez, a maior vitória. A diferença maior. Nós não exercemos pressão sobre a oferta de alimentos, nem sobre a demanda de alimentos.

– **A Sudene desempoderou o DNOCS?**

Não. Eu acho que a Sudene apenas procurou situar o DNOCS dentro da paisagem nordestina, que não tinha problema só de seca. O problema do Nordeste, como Celso diz na Política de Desenvolvimento

Regional, era de desenvolvimento econômico. Agora você quer fazer água onde não chove e solo onde não tem, é meio difícil. Dr. Guimarães Duque, para mim um dos grandes técnicos do DNOCS, demonstraria em Solo e Água no Polígono das Secas, que o Nordeste, infelizmente, além da irregularidade das chuvas, tem a péssima irregularidade dos solos e da água. Tinha que fazer milagres. Toda seca repetiria a mesma coisa. Tanto por falta de transporte, tanto por falta de orientações. Tanto que, hoje, a população rural do Nordeste é muito menor que naquele tempo. Isso prova que não havia caminho certo fazendo apenas uma política contra a seca. Contra a seca o Governo não venceu até agora. Nem aqui, nem fora do Brasil.

– **O senhor acha que o modelo hidráulico do DNOCS ...**

O modelo hidráulico pressupunha água, né? Porque não tinha água! Ia fazer o modelo hidráulico como? Essa é que era a grande questão! Houve muita exploração em nome de pretensões e prevenções políticas. Enquanto houvesse esse modelo, o latifundiário tinha metade da produção de algodão, metade da produção de alimento. Ajudava, sem dúvida, o proprietário de terra, sobretudo nas regiões mais secas. Ajudava o morador, também. Mas ajudava nessa sociedade um pouco desigual. Tinha até uma peça, não lembro do autor. É muito conhecida essa história. Disse que ele chegou um dia, perto da eleição, né, o coronel chamou um testa de ferro político dele e disse: “Fulano, a eleição vem aí, parece que não vai chover... vamos reunir o pessoal e fazer uma emergência”. (risos) É a peça daquele que foi do Correio da Manhã, do meu tempo. É de um jornalista, um dos homens mais regionais do Nordeste. Já já me lembro do nome dele⁵.

– **Além dos documentos que vocês levantaram, dos dados que vocês tinham, que influências o senhor acha que Celso Furtado teve para construir o GTDN?**

Eu acho que ele teve, primeiro, a pressão política, embora ele não fosse político, nem receasse pressão política. Juscelino colocou nas mãos dele um “salva governo”. Juscelino teve muita habilidade para

---

5 Juarez Farias não lembrou o nome do jornalista, mas pelas referências indiretas supomos que seria Antonio Callado, que, na época, era do Correio da Manhã e escreveu alguns textos sobre a seca no Nordeste, dentre eles “Os industriais da Seca e os galileus de Pernambuco” e a peça “Forró no Engenho Cananéia”.

fazer isso. Durante a execução dessa tarefa, o presidente foi desafiado muitas vezes a desprestigiar Celso. Eu me lembro de dois episódios que são ... (não sei se é bom gravar isso). O primeiro foi relacionado a segunda casa de máquina de Paulo Afonso. Começou a atrasar a liberação de recursos. Um belo dia Celso contou isso a Sette Câmara, que era chefe da Casa Civil. “Olha, eu vou embora. Assim não dá. Eu não fui chamado para enganar governador. Fazer desenvolvimento econômico, sem energia, não dá. O Ministro da Fazenda [Sebastião Paz de Almeida] está retendo recursos para a segunda casa de máquinas de Paulo Afonso. Já não temos energia na primeira e a oferta já é insuficiente, e [agora] não temos certeza da segunda. É melhor eu fazer uma carta e você entrega ao presidente”. Sette Câmara disse: “Tá certo”. Sette Câmara era um homem de muita sensibilidade e esperou o despacho de Sebastião Paz de Almeida, chamado de “Tião Medonho”. “Sr. Presidente, desculpe interromper o despacho, mas eu tenho uma notícia que não é muito agradável, e acho que o senhor tem que tomar conhecimento”. Aí Juscelino perguntou: “Mas que notícia é essa?” “Renúncia de Celso Furtado”, respondeu Sette Câmara. Juscelino deu um pulo! “Renúncia de Celso Furtado? Por que Celso Furtado vai renunciar?” Aí Sette Câmara emendou: “Celso disse que não está no Nordeste para enganar governador e os recursos da segunda casa de máquina de Paulo Afonso estão sendo retidos [pelo Ministro da Fazenda], e ele não vai ficar lá enganando”. Aí Juscelino teria dito: “Você quer, Tião?”, e Tião disse: “Mas o que?” Juscelino teria continuado: “A minha salvação é Celso continuar na Sudene e fazer esse trabalho que ele está fazendo e você está interrompendo! Você é maluco?” Aí Sebastião saiu de lá e liberou o dinheiro. Essa história nunca foi escrita, não há provas, não há documentos, mas houve isso.

– O senhor disse que foram pelo menos duas tentativas de interromper a carreira política de Celso. Contou uma. Qual foi a outra?

Foi em 1962. Tentaram uma jogada. Na imprensa de Pernambuco é possível levantar isso. Naquela época, o único elo de comunicação da equipe da Sudene era o Repórter Esso. Nós saíamos às 6 horas da tarde e fomos para a rua Dantas Barreto, graças à uma parada de transporte. De móveis na cabeça, a minha equipe toda, engenheiros, meus datilógrafos, todo mundo carregou mesa para vir do Tereza Cristina para o Professor Luís, para invadir aquele edifício

do INSS, que iria ser dado para um bocado de apaniguados. Nós invadimos e tomamos a coisa, e instalamos a Sudene. Nós nos instalamos do nono ao décimo andar. Ficamos lá. Mas quando fizemos isso, Celso tinha um evento econômico na Alemanha, e decidiu ir para a Alemanha. E nós estávamos trabalhando e íamos para casa às 6 horas da tarde, e todos ouvindo o Repórter Esso para saber em que pé estava o Brasil. Foi quando o repórter disse que Paulo Guerra teria dito que iria invadir o depósito de gênero da Sudene porque a Sudene não estava distribuindo ...

– **Paulo Guerra, que era governador de Pernambuco.**

Cid Sampaio passou o governo para Paulo Guerra. Paulo Guerra era da UDN. Cid foi para o Rio, passou o governo para Paulo Guerra, que imediatamente declarou isso, que iria invadir. Tudo montado! O Comandante do IV Exército, coincidências que a gente não sabe explicar, era o General Costa e Silva, que depois foi presidente da República. Voltamos todos para a Sudene. Ali nos reunimos. Éramos todos uma equipe mesmo, e chegamos a uma conclusão. Nós não somos Forças Armadas, nós não temos nenhuma arma aqui, não sabemos brigar, e nos cabe manter respeito ao patrimônio público. O patrimônio público deve ser defendido pelas Forças Armadas. Vão ao comandante do IV Exército e explique a ele e vamos ver o que ele faz. E eu disse “Eu pelo menos não vou para a rua, nem ninguém daqui vai para a rua”. Jader, que era o chefe do Departamento de Agricultura, e Chico Oliveira, que era Superintendente Adjunto, foram ao IV Exército falar com o General Costa e Silva. E nós ficamos lá na Sudene, arrumando os dados todos, da administração de gêneros, e eu tinha um cuidado danado com isso. Eles chegaram lá e o general disse: “os senhores estão vendo aqui que estão fazendo uma crítica, mas sem documento. Os senhores não podem provar que o governador disse isso”. Aí Chico disse: “Olha General, a rádio publicou agora. É só mandar buscar [a gravação] na rádio, que foi dado”. O General retrucou: “É, mas eu não vou fazer isso, não dá certo”. Nisso eu acho que o esquema furou um pouco, porque Paulo Guerra, mesmo antes de o pessoal voltar do IV Exército, mandou por escrito, num cartão do Palácio, concretizou a ameaça. Quando Francisco começou a relatar para a gente, eu disse: “Mas nós já temos documento”. E ele: “Como já temos documento?” Aí eu mostrei: “Paulo Guerra mandou aqui o documento”. Eu e José Maria Aragão fizemos

uma nota e publicamos nos dois jornais (Diário de Pernambuco e Jornal do Commercio) e eles já saíram de manhã desmentindo a denúncia do governador e comprovando com documentos. Às 9 horas da manhã estava marcada a reunião extraordinária do Conselho Deliberativo. Os governadores todos em Recife. Era uma coisa feita para derrubar Celso. O general chegou a dizer “Posso interferir. Mas os senhores telegrafem ao Primeiro Ministro [Tancredo Neves] para que eu intervenha e tome as providências necessárias”. O que é que ele precisava para ter o Exército e intervir na Sudene? Mas, quando estava marcada a reunião, bate na porta o General Juraci Magalhães, governador da Bahia, à época. Aí ele disse: “Quem foi que fez essa nota?”. Eu disse: “Fomos o Dr. José Maria Aragão e eu”. E ele perguntou: “Esses dados estão certos?”. Eu respondi perguntando: “O senhor quer ver as pastas correspondentes?”. “Não! Então não me interessa mais nada. A Sudene não vai falar na reunião de hoje”. “Por que, governador?”. “Quem vai falar é um governador sobre a miséria moral para qual o Nordeste está sendo levado”. Aí na hora chegou Dr. Lael Sampaio, irmão de Cid, que era um homem de bem e tal. Ele tinha visto tudo aquilo, e conhecia muito bem o governador, e disse: “Olha Aragão, o governo de Pernambuco não vai dizer nada nessa reunião. Espero que vocês se contenham também”. Aragão, que tinha muita presença de espírito, disse: “Dr. Lael, nós somos a defesa. Se a acusação não vai existir, não pode haver defesa” (*risos*) Era mesmo uma coisa para derrubar Celso. Para você ver como Celso ...

– **... Incomodou?**

Incomodou. E a luta que era. Todo tipo de problema Celso enfrentou. E às vezes não deu muita importância.

– **E Como foi que a Sudene chegou à Hollywood?**

A cineasta americana Helen Rogers andava querendo fazer um filme sobre a vida do trabalhador rural no Nordeste. Acabaram dizendo pra ela que procurasse a Sudene que esta poderia ajudá-la. Ela marcou uma hora com Celso e apresentou o projeto. “Você tem alguma ideia?”, ela perguntou. E Celso respondeu de pronto: “Tenho. Não sei se é uma ideia que dá certo para você. Vá a uma dessas feiras do Nordeste e lá você escolhe uma pessoa, pede licença para acompanhar essa pessoa por uma semana. Você vai ver como vive o trabalhador rural.

E faz o documentário que você quiser”. Ela ainda perguntou: “Você me ajuda?” E Celso: “Ajudo”. E assim ela fez. Escolheu um sujeito baixinho, bem barbado, e esquelético. Quando chegou à feira de Moreno, perto de Recife, tinha um tocador de viola, dizendo que a salvação do mundo era Mao Tsé Tung. (risos) Aí ela disse: “Eu quero aquele ali”. Era Severino, o nome do camarada. Celso se aproximou do cara e apresentou Helen Rogers. Disse que ela era uma jornalista americana, e que iria filmar a vida de um trabalhador rural do Nordeste. Por fim, perguntou se ela poderia acompanhá-lo por uma semana. Ele respondeu que podia, desde que o dono da terra concordasse. Aí Celso perguntou quem era o dono da terra e Severino respondeu que era o deputado Constâncio Maranhão. “Ele está aqui?”, perguntou Celso. “Ele está aqui na cidade hoje”, disse Severino. “Você pode me levar lá?”. Constâncio quando viu Celso exclamou: “Celso, você aqui?!”. Celso explicou quem era a Helen Rogers e o que ela estava fazendo, e ele (Constâncio Maranhão) disse: “Diga a ela que pode levar o Severino e falar o que ela quiser. Eu já sei que ela veio falar dessa tal de reforma agrária. Diga a ela que reforma agrária aqui é isso aqui: Pá!”. E deu um tiro de revólver no chão.

Em 1961, eu acompanhei Celso a Washington (EUA). Eu e Jäder fomos os assessores escolhidos por ele para negociar um acordo, que na época dava uns \$ 140 milhões, que hoje daria cerca \$1,4 bilhão. No protocolo americano, o Presidente da República recebe o ministro de outro país por 15 minutos, no máximo. Mas só em ter acesso ao presidente dos EUA já era qualquer coisa. Celso foi à audiência, e quando terminaram os 15 minutos, o cerimonial avisou ao Presidente Kennedy e ele pegou Celso pelo braço. “Vamos aqui que eu quero mostrar um documento”. Aí Celso saiu com ele pela Casa Branco e foi para o Salão de Cinema e estava lá o filme *The Troubled Land*, o Problema da Terra, numa tradução livre, que era a história do Severino. Kennedy disse: “Esse filme foi visto por 35 milhões de americanos. Nós estamos decididos a ajudar o Nordeste”.

– **Severino, então, ajudou o Nordeste?**

Severino não era lá de grande validade. Ficou entusiasmado com a fama e Helen Rogers perguntou a Celso que se ela desse alguma ajuda a Severino ele poderia melhorar de vida. Ela disse que tinha uma verba da televisão e poderia fazer isso. Era a ABC. Celso chamou Strauss, grande realizador de projetos da Sudene. Aí Strauss comprou uma

parte de terra, fez um projetinho para Severino, e pegou o dinheiro da Helen Rogers. Severino foi pra lá com a família e com duas semanas já estava casado com outra, já tinha abandonado os filhos e estava bebendo com o dinheiro da americana (*risos*).

– **Eu gostaria de falar sobre um momento mais triste que é a saída de Celso da Sudene...**

A saída de Celso [da Sudene] foi uma surpresa para todo mundo. Mas, nas circunstâncias, não era para ser surpresa. O que tivemos muito cuidado (medo) é que Celso fosse vítima de violência, pudesse ser vítima de violência. E nós fizemos a melhor assistência possível a ele.

– **O senhor o acompanhou?**

Nós fomos ao aeroporto, para o embarque dele. Zé Medeiros, que era nosso procurador em Brasília, foi quem o recebeu lá. Acomodou Celso num apartamento lá enquanto se decidia para onde Celso iria. Zé Medeiros se comunicou com João Agripino, que tinha sido relator do Segundo Plano Diretor da Sudene. João Agripino foi com Zé Medeiros a Ernesto Geisel, que era o Comandante Militar do Planalto, e perguntou o que a Revolução tinha contra Celso, e Geisel disse: “Nós não temos nada. Aqui, pelo menos, não tem nada contra Celso. Aí João Agripino: “Eu estou dando guarda a Celso e não o entrego para ser preso. Vocês vão prender Celso e eu prefiro dar fuga a ele para ele ir para o exterior e fazer a vida dele lá”. E Geisel: “Isso não se cogita”. Aí Agripino: “Então, autorize ele voltar para o Rio de Janeiro onde mora a família dele?”. E Geisel: “Está autorizado”. Aí tem um detalhe... “Você pode dizer a ele para ir no vôo das 11 horas”. Era o Electra, o famoso Electra, da Varig. “Ele embarca e lá no Galeão ele vai ter um tratamento de respeito”. Aí Agripino ia saindo e Geisel disse: “Espera aí, João!” “O que é, general?”, “Não pode ser assim não. Você sabe quem é o chefe do DOPS no Rio de Janeiro?”, e João Agripino disse “Não, não estou sabendo”. “É o Boré. Você já imaginou Boré com Celso Furtado na mão?”. Geisel disse isso! (*risos*). Mas Celso foi, e foi bem recebido. Três dias depois de estar no Rio, foi para o Chile, teve militares na presença dele no Galeão, mas o embarque foi tranquilo. Isso é o que eu sei, mas não presenciei, não tive essa sorte.

– **A Sudene de Celso e a Sudene pós Celso...**

Bem, a Sudene pós Celso eu não acompanhei porque achava que não tinha o direito.

– **O senhor ficou na Sudene até quando?**

Fiquei até junho de 1964, porque fiz uma transação com o General Expedido Sampaio, interventor nomeado. Quando ele chegou lá, saíram todos os diretores e ele mandou me chamar e disse: “Olha, eu ouvi muito depoimento sobre o senhor, de comunistas, de integralistas, de tudo! Todo mundo respeita o senhor. E eu também lhe respeito, embora não o conheça tão bem quando os outros”. Eu disse, então, “muito obrigado, general”. Aí ele continuou: “Eu queria lhe fazer um apelo para o senhor continuar aqui”. Eu disse: “Não, eu não tenho condições nenhuma de continuar. Eu quero ajudar nessa transição no que for possível e o senhor me dá a minha demissão quando for nomeado o superintendente definitivo”. Aí ele disse: “Mas o senhor só fica nesta condição?”. E eu: “Só, general”. “Mas por que o senhor não quer ficar aqui?” “Se a pessoa que criou isso daqui já está exilada no exterior, o que farão comigo? Melhor sair logo”. Aí ele disse: “É porque o senhor não compreende meus colegas. O senhor sabe que eu já fui preso também? E por causa de política?”. Eu perguntei: “O senhor?” “[Sim] Fui. Eu tinha um rádio quando eu era tenente em Manaus e na época da guerra eu ouvia notícia da Alemanha. Me prenderam como nazista”. Ele [o general] foi muito correto comigo.

– **Até Dom Helder pediu para o senhor ficar?**

Um belo dia chegou o Calazans Fernandes, jornalista muito influente naquela época, da ABC, e falou: “Dom Hélder que falar contigo, mas você só pode ir na casa dele às 11 horas da noite... de dia não dá. E lá você tem que chegar muito discreto, passar pelos soldados e entrar no Palácio dos Bispos”. Eu não sabia o que Dom Hélder queria falar comigo. Nem eu tinha intimidade maior com ele. Mas fui. Chegando lá ele me disse: “Eu andei conversando com Calazans, e ele me disse que quem está lá desde o começo é você. E o Presidente da República escolheu o novo superintendente e eu queria mandar um papel [documento] sobre a Sudene [feito por] uma pessoa em quem eu confiasse. E eu confio em você para [fazer] esse papel [documento]”. Eu respondi: “Bem, Dom Hélder, vamos por parte. Já foi escolhido o superintendente?” “Foi. Talvez você não conheça,

mas é como se fosse meu irmão”. Eu perguntei quem era e ele me disse que era João Gonçalves de Souza. “João Gonçalves?!!! Quando eu chego em Washington ele me dá o carro dele, para eu andar, tal é a nossa amizade! Ele é da OEA, eu sou da Sudene, mas sempre nos demos muito bem. Enfim, o senhor quer esse documento para quando?”. “Para amanhã”. “Mas Dom Hélder, escrever sobre a história da Sudene, os problemas que existem na Sudene, em 24 horas?” Aí ele disse: “É o jeito, Juarez. Você vai ter que fazer isso”. “Tá bom. Mas o senhor vai ter portador para este documento?” “Vou”, ele respondeu. “Posso saber quem é?” “É o cônsul dos EUA”. “O cônsul?”. “É, ele me perguntou se eu tinha alguma coisa para Washington e eu estou enviando isso aí para João”. No outro dia eu levei o texto e disse: “Não sei se era isso que o senhor queria”. E ele escreveu: “João, esse trabalho foi feito por um irmão nosso, Juarez Farias”. Aí assinou. João passou, então, um telegrama para o general da Sudene. Disse que não aceitasse nenhum pedido meu de saída. Aí o general mandou me chamar: “Juarez, Dr. João Gonçalves mandou um pedido aqui”. Aí eu falei: “General, eu não tenho negócio com Dr. João, eu me dou bem com ele, mas o senhor assumiu um compromisso comigo, de me dispensar quando encontrasse um superintendente. Agora que o senhor já está encontrando um, tem que cumprir com a palavra. Quando ele vai chegar?” “Ele vai chegar quarta ou quinta-feira. O senhor vai comigo ao aeroporto?” “Vou, mas com esse compromisso, de o senhor dizer que não pôde atender o pedido dele porque eu quero ir embora”. “Está bem”.

- **Mesmo assim, João Gonçalves não quis deixar o senhor sair...**
João às vezes era muito ingênuo. “Juarez, você não vai sair da Sudene, vai?!”. Aí eu respondi: “Mas não é para dizer para a imprensa. A gente conversa depois. O pessoal da Sudene está todo aí, vá lá falar com eles”. Aí o general deve ter falado alguma coisa e ele [João] mandou chamar em Fortaleza o Dr. Raul Barbosa, presidente do Banco do Nordeste e meu amigo. Dr. Raul deixou o Governo do Ceará num dia, e no outro estava assumindo a Procuradoria do Banco do Nordeste. Eu sou o quinto funcionário do Banco do Nordeste. Não sou o primeiro porque tive que bater a portaria de nomeação dos outros quatro. Dr. Raul veio urgente para Recife, e João me telefonou para eu ir almoçar no Grande Hotel com ele e o Dr. Raul. “Rapaz, João está me dizendo que você não quer colaborar com ele”. “Não se

trata disso. Eu me dou bem com ele, ele me trata muito bem quando vou a Washington, mas se eu ficar na Sudene e ajudar João a fazer alguma coisa que não coincida com o que Celso pensava, eu estou fazendo 'Joãosismo'. Se eu brigar com João para fazer como Celso fez, estou fazendo 'Celsismo'. O senhor acha que eu vou ter mais de 15 dias de poder? (*risos*)". Aí Dr. Raul disse: "É, João. Nós temos que aprender essa lição de política que Juarez está nos dando. Não dá. Você nomeia um outro". Mas João fez pior. Ele nomeou uma pessoa, e, depois, foi lá no meu escritório e disse: "Eu nomeei fulano de tal". Aí eu disse: "João, eu o conheço. É uma pessoa competente, mas manda verificar com esses generais aí no poder. Esse rapaz está respondendo um inquérito que Celso mandou abrir, sobre um probleminha aí no escritório". Eu expliquei qual era o escritório. "Você pode se envolver aí com a turma da corrupção". (*risos*) "É verdade?", "É". Aí ele saiu do meu escritório, encontrou essa pessoa e falou: "Eu não posso mais manter a sua nomeação, não". "O que houve?", pergunto a pessoa. "Juarez disse que você não pode" (*risos*). Eu fiquei entregue. Aí encontrei com ele [João Gonçalves] dois ou três dias depois, no aeroporto em Recife, e disse-lhe poucas e boas: "Você é um maluco, João! Como é que você faz uma coisa dessa? Eu fui ajudar e você fica querendo me matar?". De fato, o tal cara queria mesmo me matar.

– O senhor participou diretamente da elaboração do primeiro Plano Diretor da Sudene

E do segundo também! Do segundo mais do que do primeiro. No primeiro, eu fiquei mais restrito à parte de indústria. O plano de Indústria Têxtil. Nós fizemos uma análise das 61 fábricas de tecidos do Nordeste. Eu era do BNDE e só entrei na Sudene no final de 1959. Eu era chefe de gabinete do Dr. Ewaldo Correia Lima, pai da cantora Marina. Ele era um piauiense ilustre demais e ele me cedia a Celso para esse trabalho da Sudene. Cada vez que tinha alguma coisa para fazer, tinha um tanto assim de gente, e Celso dizia: "Juarez, vai fazer isso". Eu acabei sendo assessor do Ministro do Comércio das reuniões loucas de 1961, de Jânio Quadros, que assumiu a Presidência da República ... falam de Bolsonaro, mas Jânio assumiu a Presidência da República e não sabia o que fazer. Ele ganhou a eleição brilhantemente. Ele não sabia nada. Aí, para aprender, pois era uma inteligência fulgurante, ele inventou umas reuniões, botava dois estados próximos, e fazia

uma reunião de dois ou três dias com governadores e secretários para ver o que o estado estava querendo. E ele fez a primeira reunião com Guanabara e Rio de Janeiro. Segunda reunião com Paraíba e Pernambuco. Aí quando cheguei aqui em João Pessoa, Celso me chamou e disse: “Olha, o Ministro Bernardes Filho disse que não sabe nada sobre a indústria do Nordeste. E pediu para eu designar uma pessoa que possa ajudá-lo na reunião com o Presidente. Então você faz de conta que não é diretor da Sudene, mas do Ministério da Indústria e Comércio”. Aí eu disse “Tá bom”. (*risos*).

A reunião seguinte foi com Piauí e Maranhão e Arthur Bernardes nem pediu mais a Celso para falar comigo. Mas aí depois ele disse que iria precisar de mim, de novo. Aí eu fui para São Luís e fiquei lá ao lado dele. Você vendo Jânio com os ministros, era um palco sensacional. Nunca vi um camarada tão fulgurante, tão inteligente, tão louco como Jânio. E esses ministros são medrosos. O Brígido [Fernandes] Tinoco, ministro da educação era um deles. Na reunião, os ministros pegavam uma cópia do que ia ser discutido e ficavam com outra. Aí o Tinoco levantou-se da mesa, entregou a cópia dele a Jânio e começou a falar. Daqui a pouco Tinoco começou a ler a pauta e disse: “... uma despesa de 5 milhões ...” aí Jânio interrompeu: “Perdão, ministro. Penso que são 3 milhões”. “Não, senhor presidente. Esse grupo fui eu que pessoalmente comandeí. São 5 milhões”. Jânio insistiu “Perdão, ministro. São 3 milhões”. Na terceira vez eu pensava o que iria acontecer, aí Jânio foi enfático: “Ministro, eu insisto que são 3 milhões”. Aí o ministro: “Presidente, na minha cópia está escrito a carbono, 5 milhões”. Aí Jânio: “Então, ministro, devo insistir que o carbono da sua máquina ...(*risos*). Aí o ministro olhou para o papel e disse: “É, o senhor tem razão. São 3 milhões”. (*risos*)

Ele fazia isso com os pobres ministros. Dava pena. E ele entendia o que os ministros, ou os governadores poderiam dizer. Ele pegou Cid Sampaio e deu um show. Cid chegou em João Pessoa, vindo de Recife. Era a primeira vez que Jânio vinha a João Pessoa, e Cid achou que daria show em cima de Jânio. Porque chegou uma hora que Cid, com aquele sotaque Pernambucano disse: “Senhor presidente, esse seu Plano Quinquenal de Obras Rodoviárias, eu não entendo. Esse plano atribui a Pernambuco, com 6,7 % da população, apenas 4,5% dos recursos”. E Jânio deixou Cid falar. Foi aquele silêncio na Praça João Pessoa, cheia de gente. E depois atacou: “Senhor governador, esse plano eu não o fiz. O fizeram os técnicos. Não convidei vossa

excelência para participar da criação, porque nos meus alfarrábios, vossa Excelência figura como engenheiro químico, não como engenheiro rodoviário. Mas (fazendo som nasal) somos políticos e, como políticos, nos metemos a opinar sobre tudo. Imagine se adotamos, para as estradas, o critério demográfico que Vossa Excelência propõe! Temo que vossa excelência não ficará [tão] bem como nosso correligionário Carlos Lacerda. Quanto ele faria de estradas no Rio de Janeiro!?”. Ele [Jânio] não precisava estudar nada. Se ele fosse 20% menos inteligente, tinha dado um excelente presidente da República (*risos*)... Tal era a facilidade com que ele entendia as coisas. Era genial.

– Qual foi a contribuição que a Sudene deu para o planejamento no Brasil?

Eu acho que a grande contribuição foram as tentativas, que resultaram frustradas, de elaborar, sob a liderança de Celso e Santiago Dantas, o Plano Trienal, que Jango ficou de implantar e implementar e não conseguiu. Inclusive porque não resistiu a determinadas impulsões de correligionários. Eu vou contar de Brizola, por exemplo. Brizola era cunhado de Jango. Nós fizemos o Plano Trienal, e Celso e Santiago levaram, e Jango aprovou. Nós prevíamos 22% de aumento do salário mínimo para conter a inflação, que era o principal problema. Aí Brizola se assessorou de um camarada lá no Rio de Janeiro, que tem 40 livros de economia (Dr. Tolstoy Klein), mas se você resumir os 40 livros, não dá uma frase sobre Economia. Dr. Tolstoy bolou um decreto duplicando, ou mais do que isso, o aumento em 57% o salário mínimo. Santiago não chegou a ir para o Ministério. Quando tomou notícia pelo rádio, foi embora para o aeroporto, embarcou. E Celso foi para Recife. Eu até perguntei a Celso: “Mas por que o senhor não negocia também?” Aí Celso respondeu: “Porque eu quero que Jango pague o preço dessa bobagem que ele acaba de fazer. Ele acaba de perder o governo”. E perdeu mesmo, né?

Mas eu acho que a grande contribuição da Sudene foi, primeiro, colocar na administração pública a necessidade de planejamento, que tinha esmaecido muito. Embora tenha começado na ditadura de Getúlio com grandes projetos. O DASP, por exemplo, é um grande projeto administrativo de controle da Administração Pública. Mas depois foi acabando, a ditadura foi tomando conta, foi paroquiando o país, e nós perdemos a concepção global que nós tínhamos. E

fomos restabelecendo aos poucos. Primeiro, o governo Dutra com o Plano SALTE; depois o governo Juscelino com o Plano de Metas. Os resultados do governo Juscelino foram fantásticos, sob muitos aspectos, não sob o aspecto monetário, né? Participei de algumas reuniões com eles dois - Santiago Dantas, que era um *gêniozinho* - você olhava para Santiago e ficava pensando “Onde é que cabe tanta inteligência?” - e Celso Furtado, né? Fizeram o Plano Trienal. Eu tive uma isquemia com 29 anos de idade por causa desse plano. Brizola depois se meteu no meio, com alguns correligionários... atrapalharam tudo.

– Olhando para a obra de Celso, o que o senhor acha que ela agendou de mais forte para compreender o Brasil?

Bem, eu acho que Celso tinha a grande preocupação de demonstrar que não era dependente de nenhuma escola econômica. E isso o levou a ser posto em contradição pelos correligionários e pelos adversários. Porque ele simplesmente partia (da ideia) de que a economia dos países emergentes não poderia ser administrada sem você remover as causas estruturais, como ele chamava. Tinha coisas estruturais que só soluções diferentes das soluções clássicas. Celso brigava ao mesmo tempo com a Direita e com a Esquerda. E ele fazia isso sempre. Eu lembro que quando ele escreveu, em “Desenvolvimento e Subdesenvolvimento”, um capítulo fazendo críticas ao modelo de Marx, Mário Magalhães, que foi o maior amigo que ele teve, veio do Rio (Mário já estava afastado da Sudene) para “ajudar Celso”. Era louco por Celso. Celso era como um filho dele. Eu cheguei na sala de Francisco [de Oliveira] e o Mário estava lá. Eu o chamava de professor. “Professor, o senhor está aqui! Voltou?” Ele disse: “Não, eu vim para ajudar. Você sabe que eu gosto de ajudar os amigos”. Aí eu: “E quem é o amigo que você vai ajudar?” “O rapaz dessa sala aí”. “O rapaz dessa sala aí é Celso! O que foi? Ele está doente?” “Ele não está [doente], mas está me fazendo voltar a ser psiquiatra”. Aí eu disse: “Por que?”, e ele respondeu: “Você leu esse livro que ele lançou agora? Desenvolvimento e Subdesenvolvimento? É um absurdo! Dos absurdos intelectuais que ele cometeu, esse é o maior”.

A gente gostava de provocar discussões de Celso com Mário porque a gente aprendia muito, né? Mário, inclusive, ia comprar aquelas coisas de caranguejo ali em Goiana e preparava no apartamento que ele tinha em Recife. A gente ficava comendo caranguejo e estimulando a

briga dele com Celso. E a gente aprendendo. A gente era muito moço. Aí eu imediatamente saí do gabinete de Chico e entrei no gabinete de Celso. “Já viu o professor?” “Mário?” “É”. “Está aí?” “Está”. “O que é que ele veio fazer aqui?” “Ele disse que iria ajudar um amigo que está em dificuldades intelectuais e tal”. “Que amigo é esse?” “Você, o autor do livro ‘Desenvolvimento e Subdesenvolvimento’”. “Chama ele aí!”. “Peraí, já acertamos tudo. Às cinco horas Mario vem aí e a gente vê como isso acaba”.

Aí José Maria Aragão, Jáder, eu, Vasconcelos, a turma mais próxima de Celso. Mário chegou lá: “Celso, eu vim aqui para te ajudar. Dá para você ir comigo a um médico? Você está louco?!” “Eu não estou louco, não! Eu não sou é mecanicista, como você”. “Você não pode ser nem mecanicista, Celso. Você está doido! Quem é você para criticar Marx?”. Aí Celso disse: “Mário, eu sou Celso Furtado, de Pombal, na Paraíba!”, “Ah, eu logo vi! Só podia ser de Pombal! De outro canto não aparece um louco assim!” (*risos*)

Brigaram a tarde toda, Celso dizendo que Mário era um marxista mecanicista, e Mário dizendo que Celso não tinha autoridade nem para falar o nome de Marx. Era uma figura fantástica! Acabou respondendo a dois IPM’s e conseguiu arquivar os dois! O da Sudene, o cara da Marinha, que era radical, perguntou: “Dr. Mário, o senhor conhece os comunistas da Sudene?” “Conheço todos. São poucos. Aqui quase não tem comunistas.” Aí o sujeito da Marinha disse “Não tem, não?”. “Não tem, não. Pensando bem, Almirante ...” ele chamava logo de Almirante. O sujeito era capitão de fragata. “... de comunista aqui só tem Dr. Estevão Strauss”. “Mas Dr. Strauss? O Dr. Strauss é um cavalheiro!”. “Pode ser cavalheiro, mas ele é comunista, e é a opção dele”. “Por que o senhor acha que ele é comunista?”, “Para ser bem sincero com o senhor, eu nem sei bem o porquê. Mas eu tenho certeza que ele só se tornou comunista para se livrar da esposa dele. O senhor conhece a esposa dele? É a mais burra do mundo!” Era assim o Mário, né?

A outra ... ele era médico concursado do Ministério da Saúde, e foi chamado lá. “O senhor conhece esse texto?” “Conheço”. “O senhor sabe que esse é um texto subversivo?” “Eu não sei. Aí é uma questão de ... Eu não sou especialista em subversão. O especialista em subversão é o senhor, e se o senhor está dizendo que é subversão, é!”

– **Desarmou o cara...**

Aí ele disse “Mas o senhor sabe quem escreveu esse texto?” “Eu sabia, mas agora não sei mais. Ele passou a ser subversivo”. “Este texto foi escrito pelo senhor!” “Ah, fui eu que escrevi?” “Foi!”. “Pois bem, se o senhor diz que fui eu que escrevi e que ele é subversivo, já sei que estou lascado, né? Vou embora”. Aí saiu. Foi lá, voltou e perguntou: “Eu estou indiciado agora?” “É claro que o senhor foi indiciado”. “E eu posso indiciar alguém?” E o militar: “Claro! Se o senhor quiser colaborar...” “Eu quero! Quero indiciar dois sujeitos!”. “Mas por quais crimes?”, “Subversão e corrupção”. Aí ele perguntou: “Quem são essas figuras?”. “Humberto de Alencar Castelo Branco e Raimundo de Brito”. “O senhor Presidente da República e o Ministro da Saúde?” “Exatamente, esses dois aí”. “Dr. Mário, o senhor está brincando?” “Não estou brincando, não. O senhor não disse que esse documento era subversivo? Olha aí, subversão! E usar esse documento como se fosse deles? Não é corrupção se apoderar de direitos autorais alheios? Não fui eu que escrevi? Tá aqui no Plano de Governo dele”. Rasgaram o inquérito na frente dele. (*risos*). Grande figura!

Eu acho que a Sudene ainda tem razão para existir se a matriz econômico-administrativa do Brasil mudar. Nós estamos numa matriz demasiadamente antiga, demasiadamente velha. Talvez não seja necessário esse aparato de hoje. Talvez precisemos introduzir uma nova tecnologia na Administração Pública.

– **Olhando para hoje, a Sudene tem razão de existir? É possível voltar a falar em desenvolvimento regional?**

Eu acho que a Sudene ainda tem razão para existir se a matriz econômico-administrativa do Brasil mudar. Nós estamos numa matriz demasiadamente antiga demasiadamente velha. Talvez não seja necessário esse aparato de hoje. Talvez precisemos introduzir uma nova tecnologia na Administração Pública. Eu faço isso há oito ou dez anos, que eu tenho um compromisso toda sexta-feira no Gulliver (restaurante de João Pessoa): almoço com um grupo de economistas. E eu digo, sempre, se o Governo do Brasil é o maior cliente de tecnologia digital, como é que ele pode ser também o maior empregador? Ninguém pode duvidar que a nova tecnologia foi feita para reduzir a participação de mão de obra, e acelerar a produção da mão de obra. Como, aliás, qualquer sonho capitalista tem essa finalidade.

Se o Brasil muda isso, é claro que o Nordeste pode se comportar como uma região de administração adaptada à tecnologia disponível. Inclusive pelas mudanças tecnológicas já ocorridas e as que vão ocorrer. Por exemplo: nós podemos nos tornar, em pouco tempo, a maior produtora de energia do país, sem necessidade de grandes linhas de transmissão. O que nós vamos fazer com essa energia? Como vamos fazer para acasalar essa energia que está sendo possível com a exploração desse lençol de petróleo do Pré-sal? É uma coisa fabulosa que faz o Brasil sair do sétimo, ou oitavo lugar para ser o maior produtor de petróleo do mundo. Como é que vamos usar essa energia? Não para botar carro na rua, mas para fazer produtos que suplantem, ou até que eliminem determinadas necessidades de saúde pública? Isso é um lado da questão. O outro é se tem sentido a teoria de desenvolvimento regional? Se nós pensarmos nos programas regionais que nasceram do isolamento das regiões, não tem sentido mais, porque hoje você supera tudo isso. Mas se você pensar em explorar os mais altos níveis de tecnologia e os recursos de cada região, há lugar para o desenvolvimento regional. Ninguém vai querer que as regiões sejam administradas igualmente, exploradas igualmente, e com as disponibilidades de água, de alimentos diferenciados. Cabem as duas coisas. Tem lugar para as duas coisas.

– **Celso é pensador de um tempo ou é um pensador também pra hoje?**

Eu acho que Celso era um dinâmico pensador tecnológico, como deve ser todo pensador. Hoje, a coisa mais perigosa é o conservadorismo. Não que o conservadorismo não fosse uma forma pacificadora, mas é que mal o conservadorismo se senta numa cadeira e já estão dando uma cama para ele dormir. Eu tive uma lesão pulmonar, e perguntei a meu pneumologista: “Qual é a sobrevida que você me dá?”, “Não dou!” “Por que não dá?” “Porque antigamente um olhava esse seu caso e eram cinco meses, seis meses, sete meses, e hoje eu não posso dizer”. “Por que?” “Porque eu não sei nem a minha sobrevida. A tecnologia está mudando de 48 em 48 horas. Amanhã eu não sei mais nada de Medicina”.

– **Entendi. E Celso na vida de Juarez Farias?**

Foi uma graça que eu recebi. Como eu sempre fui católico, foi uma graça que eu recebi. Trabalhar com Celso foi uma honra. Foi uma

escola de graça que eu tive. Mesmo quando discordávamos, eu achava que Celso estava querendo me ajudar. Ontem eu peguei uma carta dele aí, à mão, como sempre, em que ele me oferecia – pelo amor de Deus não publiquem isso (*risos*)... Celso dizia que estava muito preocupado, e que tinha conversado sobre mim com a CEPAL e a CEPAL me oferecia a chefia do escritório em Assunção. E eu escrevi uma carta para ele e disse: “Eu só vou sair do Brasil expulso. Eu nunca sairia para uma Paraíba metida a país”. (*risos*)

– **Por falar em Paraíba metida a país, Celso levou uma equipe grande paraibana para a Sudene, né?**

Por acaso. Eu, pelo menos, fui por acaso. O Chico Oliveira era casado com uma paraibana, mas foi por acaso. Eu, inclusive gostaria de contar a história do Chico.

– **Pode contar.**

Celso me perguntava: “Você não tem pessoas como você que tenham vindo aqui para o Sul e que queiram voltar para esse trabalho no Nordeste?”. Eu falei: “Conheço algumas”. Ele perguntou: “Por exemplo?” “Francisco Oliveira. Para mim o melhor da minha geração, o mais inteligente, o mais capaz e tal e tal”. “E ele está onde?” E eu respondi: “Ele está em São Paulo. Ele trabalha na Lambretta. Aí Celso: “Você pode chamá-lo?” Aqui você vai ver como Celso era “mão de vaca” (*risos*). Aí eu perguntei: “Mas chamá-lo para que?” “Ah, eu quero entrevistá-lo”. Aí eu disse: “Então vou requisitar uma passagem para ele no banco. E reservar um hotel para ele”. Aí Celso: “Não! Não faça isso, não”. E eu perguntei: “Como não?”. “Eu não quero que digam que eu estou usando o banco para fazer o trabalho no Nordeste”. Aí eu perguntei: “E Francisco vem pra cá como?”. “Diga ele para fazer um sacrifício”. Aí eu liguei para Chico. Ele veio de ônibus e o hospedei na minha casa. Às 8 da manhã eu entrei com ele na sala de Celso, e os apresentei. Eles ficaram conversando e deu uma hora da tarde. Eu já sabia que Celso não iria pagar o almoço. Cheguei lá e disse: “Vocês vão encerrar essa conversa para irmos almoçar, ou não?”. Aí Celso disse: “Podem ir, eu já encerrei aquela outra parte com Francisco. Já estamos tratando de outras coisas”. Aí eu saí e perguntei: “Chico, o que você acertou com Celso?” “Ele está querendo que eu vá pro Nordeste”. “Você acertou com ele a passagem, transporte de família, transporte de móveis ...?”, “Não, não acertei não.

Era preciso acertar isso?”, “Precisa, Chico. Você vai acabar pagando tudo isso, porque Celso não vai pagar não. Ele acha que é obrigação cívica”. “Não é possível! Celso é um homem inteligente”. Aí eu disse: “É, mas para essas coisas ele não é, não”. E não deu outra, né? Chico chegou em Recife devendo e nem sabia a quem recorrer. A sorte é que Vasconcelos assumiu a diretoria do Departamento de Apoio e mandou fazer as contas de Chico e pagou. Aí Chico ficou lá, né? Mas aí ele me liga - naquele tempo era telefone internacional. Você ligava lá de Guararapes para um telefone na Rua Rio Branco, no Rio. Só tinha torre. Aí Chico me mandou chamar lá. Eu fui e ele, que me chamava de Galego: “Galego, Celso está com uma loucura aqui e eu preciso de sua ajuda”. “O que é?” “Celso está querendo que eu seja superintendente substituto da Sudene. O que é que você acha?”. E eu disse: “Você é que tem que achar. Se acha que dá certo, assume”. “Mas eu tenho um problema muito mais sério antes de assumir. Eu não tenho uma roupa para assumir. Nem tenho a roupa, nem tenho dinheiro para comprar”. Aí eu disse: “Está bem, eu vou falar com Jáder (que nessa época era chefe do Departamento Econômico do BNDES) e a gente vai comprar uma roupa aqui e vai mandar para você. Não tem problema. Isso aí a gente resolve”. Saí do banco com Jáder e fomos na Ducal, ali na Nilo Peçanha. Entramos numa loja da Ducal e tinha um vendedor do tamanho de Chico, baixinho. Mandamos ele provar uma roupa lá. Compramos, fomos à *Pan Air* e conseguimos enviar como encomenda especial para Recife e Chico tomou posse com a roupa que nós pagamos. E Celso nem perguntou. (risos) Era assim.

– O senhor acredita que temos alguma chance? O senhor tem esperança ainda?

Esperança a gente deve sempre ter. E eu tenho a impressão que a turma de hoje é muito melhor que a nossa turma. Ou a minha turma... você é ainda um menino... Esse tratamento que eu fiz agora recentemente, é um tratamento sério. E eu fiquei deslumbrado com o que eu vi nessa clínica. É uma clínica paraibana, só tem médico paraibano ... o médico mais velho que me atendeu não tinha trinta anos. E falou tanto da nossa universidade, e você vê os meninos com muito mais sensibilidade de médico que aqueles medalhões que você conhecia aqui. Teve uma hora que eu peguei um exame com anestesia geral, e eu disse: “Doutor, pare aí”, e ele disse: “Por que?” e eu

falei: “Eu quero dizer o seguinte: se eu morrer nesse exame, morro feliz. Porque vou morrer na frente de jovens que revelam muito mais capacidade de fazer as coisas que a minha geração, a velha geração à qual eu pertenço. Eu quero é felicitar a Paraíba por ter esse pessoal aqui”. Aí eu fiz o exame e essa semana ele mandou, meu médico me disse: “Reintegre-se”. E eu disse: “A que?”, “À vida de cidadão. Você já melhorou o suficiente para ser cidadão de novo”. Então eu acho que a esperança vem daí. Pensar que essa geração é pior que a minha ou que outras, não é não. Agora, é claro, que ele não andou como eu andava com 150 livros debaixo do braço. Não tem sentido. Você passava seis horas, sete horas, oito horas para resolver um carroção de matemática. Um carroção daquele hoje você joga no computador e resolve. E esses meninos sabem tudo isso. Estão aprendendo. Outra coisa, eles buscam as técnicas que mais facilitam o aprendizado, para não dizer que todos devem aprender do mesmo jeito. Cada pessoa tem sua maneira de aprender. Nós temos que ter capacidade de criar liderança, de respeitar mais as pessoas, que nós não respeitamos. E de sair desses atropelos.

– **O senhor se encontrou com Celso depois do exílio? Esteve com ele depois da volta para o Brasil?**

Estive. Estive várias vezes com ele. Inclusive, da última vez que o vi foi muito chocante para mim. Celso tinha cerca de 1,75m ... e eu fui à Academia Brasileira de Letras - nessa época eu era presidente da Academia Paraibana de Letras - e teve qualquer coisa lá e eu fui convidado para ir ao Rio. Eu fui e Ronaldo Cunha Lima, que era governador (da Paraíba) me apontou: “Juarez, olha quem está aqui”. Eu olhei e era Celso. Aí eu fui lá. Ele chamou Rosa, a mulher dele, e me apresentou. Aí eu olhei e pensei: “Por que Celso está desse jeito?”. Eu não imaginei... Celso estava um “L”! O corpo dele era um “L”. Ele ficava olhando para o chão. Foi a última vez que eu o vi. Inclusive, depois desse choque que eu tive, eu vi um camarada passar vestido de branco carregando uma bolsa. Aí eu pensei: Eu conheço esse cidadão. Era o ministro Luiz Correia, que andava com um enfermeiro que transportava o intestino dele numa bolsa. Eu tive esses choques. Celso, feito um “L”, olhando para o chão, Rosa segurando no braço dele. Eu tive outros encontros com ele ... é muito interessante, em momentos de lazer.... Celso era uma pessoa de trabalhar. Um belo dia chegou uma peça na cidade [Recife] ... e as nossas mulheres, a minha,

a de Chico, e a de Jader Vasconcelos tinham horror à Sudene porque nós só pensávamos na Sudene. Nós chegamos e ficamos ali na frente do teatro, esperando [a peça] começar. Aí chega Celso, sozinho. Ele morava no Recife e a mulher no Rio. Aí Celso olhou e disse: “Jáder, não adianta pensar em três safras de feijão do São Francisco, não. Eu andei fazendo umas contas lá em casa, o máximo, com segurança, são duas safras”. Aí as mulheres, com a inteligência que têm, deram as costas e saíram da roda. No segundo ato, Celso se encaminhou para a roda e elas saíram de novo. No outro dia, ele me chamou no gabinete: “Eu notei uma hostilidade das mulheres de vocês a mim. O que houve?”. Aí eu respondi [com ironia]: “Não houve nada. Elas que não souberam entender... Não veem os maridos... Uma noite para sair com eles, é uma dádiva de Deus. Na hora vão com os maridos ao teatro, tem que discutir a safra de feijão do São Francisco! ... Elas não têm razão nenhuma” (*risos*). Aí ele: “Foi por isso?” “Foi! Elas são normais. Nós é que não somos!”

– **Furtado e os filhos – do Cariri à Sorbonne...**

Eu ia sempre passar o natal em Cabaceiras, quando meu pai era vivo. Furtado me chamou e disse: “Você vai passar o natal em Cabaceiras? “Vou”. “Você leva Mário?”. Mário é o filho mais velho. “Você quer levar Mário?”, insisti. “Mas pra que? Pra passar o natal em Cabaceiras?” “Sim”. “Leva que eu quero que ele conheça o Cariri. Conheça melhor o Nordeste”. E eu levei o Mário. Aí, na véspera de Natal, minha mãe me chamou num canto e começou a chorar. “Por que a senhora está chorando?” Ela respondeu: “Esse menino aí, sozinho, longe da família...” “Ah, foi o pai dele que pediu para eu trazer. Não tem problema, não”. Mário entendeu e perguntou o motivo de minha mãe estar chorando. Aí eu disse: “Ela está chorando porque você está sozinho, longe de seu pai, de sua mãe. E ela não entende um Natal longe da família”. Ele foi ao encontro dela e disse: “D. Lêda, não chore por casa disso, não. Eu não tenho família”. Aí foi que mamãe desabou. “Por que é que você não tem família, meu filho?” E ele disse: “Mamãe acorda às sete horas da manhã e vai para o Conselho Nacional de Pesquisa. Meu pai às oito horas da manhã já está no carro para ir ao Ministério. Os dois vão embora de casa e às vezes nem se lembram de deixar o dinheiro do café da manhã. A gente come fiado na padaria da frente (*risos*). Quanto ao André, ele era espevitado. Mais do que Mário, né? Uma vez encontrei com Celso no aeroporto, o do Galeão, e perguntei

pelos meninos. “Que meninos?” “Os seus!”. Aí ele disse. “Eu estou aqui para tomar o avião para Paris porque André tem uma tese na Sorbonne, como o pai deles fez”. “É sério? André estudou?” Eu contei essa história do Mário à filha dele, que é socióloga, em Campinas.

Muita gente pensa que democracia é oba, oba. Não é! Ou pensam que ordem é não deixar os outros falarem. Também não é! Vai ser tão difícil você encontrar lugar para ditador no mundo, que eles vão se acabar por eles mesmos.

– **Qual é a sua mensagem para os jovens neste momento tão crítico da vida nacional?**

A gente tem que levar o País mais à sério, sem se levar muito à sério. Isso é uma coisa que é muito recomendada. O que está faltando, talvez, seja os líderes nos orientarem sobre o caminho que devemos seguir. O desenvolvimento tecnológico tem sido tão rápido, que as pessoas estão sem saber que profissão escolher. Você leu “21 lições para o Século 21?”

– **Sim, de [Yuval] Harari.**

De Harari... dedicado a Itzik (Yahav), o marido dele. O livro já toca pela dedicatória. E já vendeu 8 milhões e meio de cópias. Sabe aplicar porque a origem dele é comprovada.... Mas eu acho que muitos empregos vão deixar de existir, outros serão criados... há inclusive a ideia de um economista de Israel, que eu li há uns dias atrás. O camarada chega ao ponto de querer que as Nações Unidas fixem tipos de trabalho prestados e que hoje não são remunerados para substituí-los e, com isso, manter a população que vai ficar desempregada com a nova tecnologia. Quer dizer, você divide o produto da nova tecnologia com quem está desempregado por ela.

– **O que o senhor diz da Economia de Francisco? Não tem como não formular ...**

Eu acho que o Papa está descobrindo a pólvora. Não é possível a Igreja ficar oscilando entre a miséria absoluta e a riqueza absoluta. A Igreja tem que verificar que a paz está no meio, sem nenhum lugar comum. E a paz é feita pela melhor distribuição de renda. Essa é a frase do Papa. Eu lembro que meu pai me deu essa lição quando eu tinha uns 8 anos de idade. Era na época da guerra e eu perguntei:

“Por que essa guerra, papai?”. Aí ele disse: “Ah, meu filho. É muito difícil explicar isso”. Papai era um matuto que só estudou um ano. Mas, pra mim, era melhor filósofo do que muitos que eu conheço por aí. Ele disse: “Enquanto os homens forem muito desiguais entre eles, vai haver guerra”. Eu perguntei: “E não tem uma solução para isso não, papai? Um remédio?”. Solução eu não sabia o que era não. Mas remédio eu sabia. “Tem, mas é mais fácil fazer a igualdade do que fazer esse remédio”. Aí eu perguntei: “E qual é o remédio?” “Socialismo”. “Socialismo?”. “É”. Não dei muita bola porque eu nem sabia o que era isso. Uma vez, lá em 1945, eu já tinha 12 anos, cheguei lá no mercado e vi um jornal pregado com uma foto de uma pessoa e um fio de sangue saindo da cabeça, com o seguinte texto: “Mais uma vítima da ditadura”. Aí eu fui pra casa. “Papai, o que é ditadura?” “ditadura é um regime onde só o governo fala”. “Então eu sou contra a ditadura”. Ele era getulista e eu perguntei: “Getúlio é ditador?”. “É”. “Então eu sou contra Getúlio também” (*risos*). E ele guardou isso. Quando eu assumi o governo aqui na Paraíba (1970-71), três dias depois, ele disse: “Eu esqueci de te fazer uma pergunta. Você ainda é contra a ditadura?” Aí eu falei: “Agora que eu assumi o governo é que eu sou mesmo” (*risos*).

– **Sim, mas para onde vamos?**

Nós vamos evoluir tão rapidamente que talvez seja mais leve que em outro período da história, porque o homem já vê que não dá para sacrificar tanto. Você vê o que se discute hoje na Alemanha sobre horário de trabalho ...você acomoda. De oito horas, você passa para seis, a cada três você arranja mais um emprego por aí fora. E o treinamento também. A gente está pensando que nós, os emergentes, os subdesenvolvidos, não estamos treinando. Estamos. Preste atenção na quantidade de cursos que tem aparecido aí. Pode não ser bom. Pode não ser a melhor coisa, mas nem era assim. Eu lembro que eu era menino de 16 anos em Campina Grande, escrevente de cartório, empregado. Papai dono do cartório em Cabaceiras e chegou lá em Campina e disse: “Você quarta-feira vai para Cabaceiras”. “Por que?” “Vai ter júri, e esse juiz que foi nomeado para lá passou em primeiro lugar no concurso, mas não entende nada de júri”. “Por que o senhor não o orienta no júri?” “Não, não fica bem um escrivão mandando um juiz fazer as coisas. Melhor você, que é escrevente aqui em Campina ir lá e dar uma orientação para ele”. Aí eu fui, orientei o júri, lavei a

sentença, e disse ao juiz: “O senhor manda restabelecer a publicidade do Tribunal e leia a sentença”. “Em pé ou sentado?”. Aí Papai disse: “Eu não disse que ele era burro?” (*risos*)

– **Desenvolvimento e Democracia...**

É uma discussão a ser feita. A meu ver o que está mais ou menos evidente, é que a democracia não pode ser só uma festa da liberdade, não. Tem que ser de realização, também. Você não pode estar na rua dizendo o que quer e por quê quer, sem querer. Porque você só quer quando souber fazer. E é o que está aí. Muita gente pensa que democracia é oba, oba. Não é! Ou pensam que ordem é não deixar os outros falarem. Também não é! Vai ser tão difícil você encontrar lugar para ditador no mundo, que eles vão se acabar por eles mesmos. Antigamente você sabia, mas não podia discutir com o cara, pois ele estava a milhares de quilômetros de você. Hoje você discute tranquilamente. E mostra que ele não tem razão. Quem não entende são os Cardeais da Igreja, por exemplo. Vão entender esse Papa quando?